

Reencontro de famílias em casa

por Albano Naroromele

Debaixo de mangueiras frondosas, a sombra proletria do calor, varias dezenas de homens, mulheres e crianças libertados das garras dos bandidos armados (kanannythas), como são conhecidos em Cabo Delgado) pelas FAM/FPLM, no dia anterior à nossa chegada. Eram camponeses que aguardavam, com um misto de impaciência e incerteza, a conversa que travariam daí a pouco com o General do Exército Alberto Chipande.

Aguardavam sobretudo pelo deslecho da conversa, a deduzir, pelas inquietudes do velho Muhakhu Naitu — cuja história contarei no próximo trabalho — que não se cansava de confidenciar-me: «A gente já tinha perdido o hábito de discutir, de fazer perguntas lá no mato. Eles mandavam nós fazer e nós fazíamos. Mandavam-nos morrer e nós morriamos, a meio das para escapar. Por isso não sei o que nos espera da conversa que vamos ter».

Estávamos aqui? que há um ano foi a Aldeia Comunal de Matiquili, uma das primeiras a ser queimada pelos kanannythas em Meloco, localidade do distrito de Monépuez

— «Onde está o teu marido?» — esta pergunta foi feita várias vezes pelo dirigente da provincia de Cabo Delgado a muitas mulheres recém-libertadas que se encontravam no encontro. A resposta variava entre «licou no mato» e «eles mataram-no», ou ainda simplesmente «não sei». O que não estava, porém, era um firme «não» pronunciado quase em pânico e total ódio aos bandidos armados, na resposta a outra pergunta de Alberto Chipande: «Querem voltar para os bandidos armados?»

Este «não» marca o início de uma nova vida para aqueles homens, mulheres e crianças, após um ano de terror e morte no cativello. De facto, a meta das operações militares em curso em Meloco (principal esconderijo dos kanannythas) em Cabo Delgado, não é somente a limpeza dos bandidos na zona, mas sobretudo a libertação da população cativa e a reconstrução das aldeias saqueadas e destruídas pelos criminosos.

Trata-se de um violento golpe naquilo que parece ser o objectivo principal dos bandidos armados em Cabo Delgado: a desorganização das aldeias comunais através da destruição e terror, e o retorno compulsivo dos camponeses às antigas povoações. Tempo perdido, porque embora se tenha que reconhecer que aquelas comunidades estão estagnadas em termos de desenvolvimento socio-económico não é menos verdade dizer que na provincia onde toda a população rural vive em aldeias comunitárias se a consciência dos camponeses em viver orientados à nova dialéctica que parte a nomeação nas antigas povoações há no mato e nas aldeias sem casas.

Segundo o próprio dirigente da provincia, a reconstrução

das aldeias queimadas tem de ser um empreendimento conjunto dos recuperados e da população que, na luta da destruição e rapto, bem como depois no mato conseguiu fugir dos bandidos, passando a viver noutras comunidades fora do alcance dos kanannythas.

Quando oportunamente o General do Exército me falou de se tal junção de pessoas potencialmente com mentes de diferentes não resultaria em choques entre as duas partes, ele disse que não, porque o que vamos fazer é permitir sob o nosso controlo um reencontro de famílias em casa.

— «Muitos dos que estavam ou estão a viver compulsivamente no mato — prosseguiu o dirigente da provincia de Cabo Delgado — têm maridos, esposas, pais, filhos, irmãos e outros familiares que tiveram tempo de fugir dos bandidos. Uns e outros têm, por outro lado e em conjunto, coqueiros, cajueiros e outros pertences nas aldeias destruídas que queremos reconstruir. Não há, pois, inconveniência nenhuma em que ambos voltem a casa, onde se ajudarão mutuamente a reconstruir a aldeia e a recomendar uma nova vida».

Em aldeias como Matiquili, Khatapwa e Mecutane, entre outras este reencontro de famílias já é um facto. A população que, valendo a liberdade pelas FPLM encontra na comunidade desbaratada familiares que vão chegando, provenientes de outras aldeias onde estavam refugiados depois de terem fugido dos bandidos. Estes últimos trazem consigo comida, estufas e outros artigos necessários destinados a serem utilizados conjuntamente com os recém libertados do cativello.

Em Matiquili e Mecutane por exemplo os habitantes destas comunidades que não estavam a viver com os kanannythas, regressaram a casa, mudados dos seus hábitos de dança. Na ocasião em que Alberto Chipande visitou as duas comunidades os cantores e dançarinos exibiram brilhantemente alguns números do seu repertório. Enquanto os tambores resgavam os ares com os seus inabafáveis rufares para arrastar a todos na dança, era frequente presenciar comoventes descobertas entre casais, irmãos e filhos separados durante um ano pelo terror dos bandidos armados.

É preciso notar que os recuperados desde que foram libertados pelos kanannythas no ano passado, nunca mais cantaram e dançaram seguindo as suas próprias decorações.

Entretanto, as estruturas da provincia estão cientes que a reconstrução das aldeias nestes tempos tem os seus problemas. Por exemplo e como já tive a oportunidade de dizer em trabalhos anteriores em Cabo Delgado e apesar de todo o esforço que está a ser envidado aos níveis local e nacional, o fenó-

meno nudez, sobretudo para as mulheres camponesas, é geral e despersonalizante. Ora, nesta matéria, os recém-libertados do cativello atingiram o estado de animais, puros e simplesmente.

Somente os recuperados, que a'em de terem passado a pôr tanga de cascas de arvores, transportam consigo graves enfermidades físicas — chagas horríveis, subnutrição em esado alarmante e outras doenças — somente os recuperados, dizia, vão replicar os nossos problemas, citando o dirigente da provincia.

Esta consciência das estruturas da provincia sobre os problemas esteve patente nas conversas de Alberto Chipande com a população encontrada em toda a visita de trabalho. O General do Exército insistiu na necessidade de melhorar as vias de acesso em Meloco, para permitir fácil circulação de viaturas que abasteçam os produtos de primeira necessidade aos camponeses que agora partem do zero, na reconstrução das suas aldeias.

E também um acto de consciência o movimento de solidariedade que agita toda a provincia traduzindo-se em obras, por parte das populações não afectadas de artigos de primeira necessidade às vítimas dos kanannythas. Isto sem falar do envolvimento directo de membros das estruturas políticas e das OMMs no trabalho de reconstrução das aldeias queimadas.

Outra questão são as preocupações que os recuperados apresentam. Por exemplo, muitas mães deixaram filhos menores no mato. Há por outro lado, crianças que foram libertadas, mas os pais continuam cativos dos bandidos. Coooca-se o problema da educação desses seres inocentes.

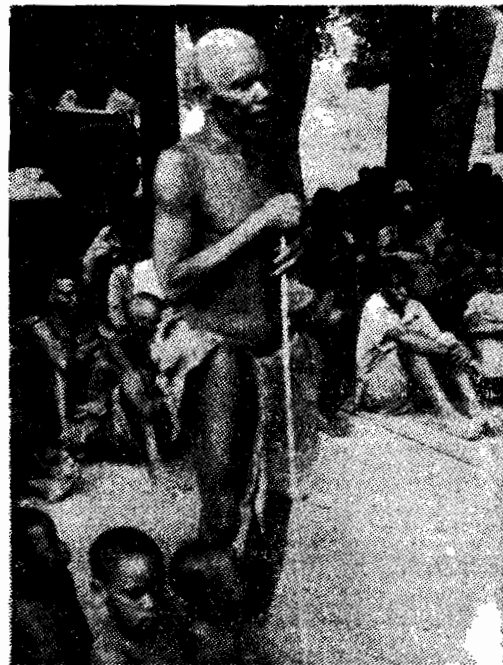
É oportuno fazer menção ao espírito de colaboração que, afinal um ano de cativello não conseguiu destruir na população recuperada. No encontro de Alberto Chipande com os recém-libertados, uma mulher pediu a palavra e disse: «Estas duas crianças vieram comigo, os pais ainda estão no mato. Eu tomarei conta delas».

Outra mulher secundou a primeira para dizer que, se for acompanhada pelas FAM/FPLM, irá buscar os filhos e o marido no local onde eles se encontram a viver com os bandidos armados. E rematou: «A Freilmo ainda não chegou lá».

Um velho a quem o dirigente da provincia pediu para que acompanhasse os soldados ao mato e lhes indicasse os esconderijos dos kanannythas, respondeu prontamente que não há problemas. Entretanto, recordando-se que já não via bem, anunciou que levaria consigo um jovem, para o caso de me enganar pelo caminho.»

O deslecho da conversa com Alberto Chipande, que os recuperados aguardavam com um misto de impaciência e incerteza, foi, em última análise, a reafirmação da confiança dos ex-cativos nos seus libertadores — FPLM — confiança que sobreviveu ao terror e morte que pairavam no cativello.

Um velho resumiu assim a questão: «Se numa familia, um dos membros for devorado por um leão, não se atiram os restantes elementos à fera.» Por outras palavras, lá porque foram obrigados a viver com os kanannythas, os ex-cativos, como ele, não são, por isso, bandidos armados.



Os recuperados (na imagem um velho ex-cativo) vão buscar os nossos problemas... (Foto de São Mateus)